



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

A DIDÁTICA DO SONHO-UMA PLATAFORMA PARA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

EVANDRO KFOURY MARTINS DIAS

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

RESUMO Ao se entender as diversas compilações históricas sobre a Didática, é visível a importância de se provocar uma abordagem fundada no amor do sujeito pelo que faz, como forma de sonhar e atingir a realização deste sonho em atitudes positivas e construtivas para ele e para o outro. A metodologia utilizada foi as pesquisas bibliográfica e de campo além de entrevistas com educadores, alunos e diretores de estabelecimentos de ensino em Aracaju – SE. Os objetivos que se pretendiam alcançar foram a constatação da urgência de se propor uma matriz tecnológica não excludente para o ensino e a possibilidade de iniciar sua teorização e desenvolvimento. Palavras-chave: Conhecimento, tecnologia, educação.

ABSTRACT To understand the various historical compilations on Didactics, is perceptible the meaning of provoking an approach founded on love of the subject by making as a way to dream and achieve the realization of this dream in positive and constructive attitudes to him and to the other. The methodology used was the bibliographic and field search as well as interviews with educators, students and principals of educational centers in Aracaju – SE. The goals that were intended to achieve the realization of the urgent need to propose a non-exclusionary array technology for teaching and the possibility of starting their theorizing and development. Keywords: knowledge, technology, education.

INTRODUÇÃO Ao se entender as diversas compilações históricas sobre

a Didática, fica visível a importância de se provocar uma abordagem fundada no amor do Sujeito pelo que faz, como forma de sonhar junto e atingir a realização deste sonho em atitudes positivas e construtivas para ele e para o outro. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e de campo que compreende entrevistas com educadores, educandos e Diretores de estabelecimentos de ensino em Aracaju – SE. Os objetivos que se pretendiam alcançar foram a constatação da urgência de se propor uma matriz tecnológica não excludente para o ensino e a possibilidade de iniciar sua teorização e desenvolvimento. Pretende-se utilizar a Tecnologia da Informação e de Comunicação como plataforma para construção dos saberes e não como simples veículo. Assim, não propomos ensinar com a tecnologia, mas utilizá-la para construir o aprender de forma customizada, individualizada.

A Didática, portanto estuda as técnicas de ensino em todos os seus aspectos práticos e operacionais, a técnica de estimular, dirigir e encaminhar no discurso da aprendizagem a formação do homem.[1] Assim, é a ciência que se ocupa de estudar os princípios, as normas e as técnicas que devem regular qualquer tipo de ensino, para qualquer tipo de aprendiz. Ela nos propõe uma visão geral da atividade docente. Estuda aspectos científicos de determinada disciplina, analisa os problemas e dificuldades da aprendizagem de cada disciplina e organiza os meios para tentar resolvê-los. Podemos dizer que “surge” em uma crise no século XVII e constitui um marco revolucionário e doutrinário no campo da Educação, dela esperavam-se reformas da humanidade, devendo orientar educadores e deles dependeria a formação das novas gerações. Como fica claro, havia (e ainda há) muitas esperanças nela depositadas, acompanhadas infelizmente, de não realizações e de algumas frustrações. Todas essas linhas de pensamento constitutivo, normativo e procedural nos remetem a *Ratíquio*, Comenius, e Rousseau. Didática significa muito mais ou deveria significar, propomos que deveria se ocupar a desenvolver a capacidade de questionamento e de experimentação das informações. O sujeito deve ser desafiado continuamente ao não conformismo e não o contrário: pessoa conformada = pessoa comportada ou mais um tijolo na parede (“*another brick in the wall*” – música do Pinky Floyd, Álbum *The Wall*), pensamos que pessoa conformada, engessada, retrógrada = pessoa infeliz. Na verdade os vários conceitos para a Didática significam o mesmo: se ocupa das técnicas e métodos de ensino destinados a colocar em prática as diretrizes das teorias pedagógicas, enfim, seu objeto é o estudo do processo de ensino e aprendizagem. Para que o “ensinador” não se torne mero executor (escravo)

do instrumental à sua disposição, deve ele também fomentar sua criticidade e avaliá-la, continuamente a partir das realidades em que atua. Na prática, os objetivos que nos propomos alcançar junto aos sujeitos do aprendizado são o elemento fundamental em nosso trabalho letivo, embora a Didática corrente se ocupe primordialmente com “o como ensinar”, ou seja, seus métodos e técnicas. Julgamos importante, antes de estudá-los refletir sobre seus fundamentos, sobre as razões do seu emprego ou não e sobre os fatores que intervêm em seu aproveitamento ou não aplicação em um determinado momento ou situação específica. Caso contrário, correremos o risco de nos convertemos naqueles escravos dos instrumentos – métodos e técnicas. Não há forma única nem um único modelo de educação; em cada país, sociedade ou grupo ocorre de uma maneira diferente. E, se chegarmos ao ser humano, razão do desenvolvimento desse trabalho, a realidade é ainda mais particular e deve ser customizada a esse ponto. É fácil perceber, mas será difícil operacionalizar?

Pensamos que não, é necessário o concurso de um método, uma plataforma, um sistema. Cada grupo tem realidades e valores diversos e conseqüentemente diferentes concepções de educação. A ideia de educação de cada substrato social é inerente à sua realidade e seus valores, tudo isso voltado para a pessoa, origem e fim do próprio grupo. Evidentemente, educação não deveria se confundir com escolarização, pois, fundamentalmente, a escola não é o único lugar onde se faz educação. A família é o primeiro elemento social que influi na educação. A ausência da família é um dificultador da sobrevivência do indivíduo (enquanto a clonagem, a educação robótica e a inteligência artificial ainda fazem parte de nossa ficção científica) e não apenas a subsistência física, mas psicológica, moral e espiritual. Portanto, acreditamos que a escola só conseguirá cumprir plenamente sua função quando acontecer o entrosamento de todos os atores envolvidos no processo. A atmosfera formacional deve ser um ambiente, onde pais, professores e alunos promovam conjuntamente a educação, onde pais (responsáveis) ou patrões (líderes) ou escolas (empresas), treinador (professor), e alunos (treinandos) se envolvam no processo de ensino-aprendizagem. Devemos conseguir a percepção de que o sistema estará incompleto e não funcional, inoperante, na ausência de uma das partes. Esse sistema não poderá jamais ser reduzido a uma dicotomia. A didática costumeira tem como foco as condições para o desenvolvimento harmônico do aluno, pelo menos teoricamente. Na didática duas linhas se destacam e estão em conflito: a metodologia e seus instrumentos e a outra parte: o sujeito e seus anseios, necessidades e projetos (sonhos). Mas, o conflito, é claro, não deve subentender guerra, destruição,

animosidade, mas, procura do acerto, desconstrução, busca incessante, construção sustentável, investigação, provocação e não comodismo e não aceitação do comum, do corriqueiro e do ordinário. Segundo Vera Maria Ferrão Candau, educadora da PUC/RJ, a Didática age como sendo reflexão sistemática e busca de alternativas para os problemas da pedagogia. Ou seja, é uma reflexão sistemática que acontece (ou deveria acontecer)[1] na escola e na aula. A didática oscila entre esses dois modos de interpretar a relação: ênfase no sujeito que seria não induzido, mas “seduzido”, segundo a nossa percepção, a aprender pelo caminho da curiosidade e da motivação – ou ênfase no método como único caminho que conduz do não-saber ao saber, estrada formal descoberta pela razão humana. A consciência da finitude do Sujeito e o reconhecimento de suas limitações e, é claro seu “inacabamento” fazem parte de sua construção e o único legado imortal seu, será a diferença possível no agir, criada a partir de suas atitudes críticas. Sem um sistema, a educação não está e jamais estará suscetível a executar sua função, como também os sujeitos sem a educação não o estão. Estaremos todos sem direção. A Educação surge em atual cenário para estimular a construção do destino de cada um por si próprio. A responsabilidade do Educador não será mais a extinção do conteúdo, per si, num clima disciplinar, mas a certeza de que a Pessoa assumiu irremediavelmente a ruptura e tomou o mando de sua própria construção - é empreendedora de seu futuro. O Sistema Educacional enquanto procedimento, não se extingue na conclusão de um Curso, uma Graduação, um Treinamento, ou de uma Pós-graduação inicia-se, continua e se perpetua. “...Só sei que nada sei...”[2]. Vaticinado há tantos séculos e deveria ter sido dito por quase todos os Educadores e Pensadores dos séculos XX e XXI. A primeira constatação percebida pela História e pela História da Educação é que ainda não se considerou no Brasil, a Formação como um Sistema. A Escola é considerada quase tudo: depósito de crianças e adolescentes, rol de problemas, elenco de excluídos e párias, justificativa internacional para obtenção de empréstimos e doações e, claro, discurso inflamado para obtenção de votos em todas e quaisquer eleições. Mas, seu verdadeiro sentido está perdido no tempo, nos esquecidos discursos altruístas e nas propostas humanitárias e não megalômanas. O Homem é um ser complexo e sua formação deve ser um sistema, longe da colcha de retalhos de séries desconexas e métodos equivocados. Um dos exemplos que se pode citar é a aplicação do Construtivismo, que de uma linha de pensamento ou ainda uma Filosofia de Ensino passou aqui nos Tupiniquins a um Método de Ensino, pelo menos no discurso, como?

Para se tratar uma complexidade é preciso deter o conhecimento do assunto, o mais profundamente possível. Quando se propaga em alta voz a urgência da Educação

Transdisciplinar, esquece-se da obtenção do método. A discussão deve envolver além dos Educadores outros Cientistas Sociais, para que somadas as visões do Homem percebidas por cada um, consiga-se traçar um Sistema Educacional para Formar o ser humano e não apenas recheá-lo de informações, quase nunca úteis para sua existência e prática profissional. O nivelamento por baixo é o de mais fácil percepção e acontece dos bairros Mosqueiro (baixa renda) a 13 de Julho ou Jardins (classe média alta). Os métodos são excludentes e informacionais um menos e o outro mais, mas ambos igualmente engessados, paradigmáticos e redutores. Um aprendiz de uma das escolas, a "pobre" e a "rica" sonha menos do que outro?

Ou sonha diferente?

Qual é o "melhor" sonho?

Qual deles será empreendedor?

Quem obterá a consecução de seus projeto?

É o Chão de Fábrica menos ou mais importante que o Gabinete do Supervisor?

A Reitoria é mais importante que a sala de aulas?

O Professor é mais importante que o treinando?

São indagações simples de respostas complexas. Os sonhos e projetos dos alunos da Escola Elementar remetem aos projetos dos Universitários que deveriam, num processo contínuo, embasar o atitudinal do Operário, Professor, Profissional Liberal, Pesquisador, Diretor da Empresa ou Reitor da Universidade. Como diz a Dra. Amélia Domingues de Castro[3]: É caso de distinguir-se o significado de novo e de recente, pois o movimento declara, como precursores, todos aqueles que mesmo em outras eras atendem às condições da infância e poderiam entrar na fórmula consagrada de atender às crianças conforme seus Interesses, por meio de suas atividades e de um ambiente de liberdade. Nova seria, sobretudo, a amplidão do movimento e sua roupagem moderna. Teoricamente, fica claro que o ambiente educacional é um sistema, mas e a prática?

É urgente transformarmos essa realidade, sob risco de continuarmos a formar apertadores de botões, repetidores de normas e procedimentos e seguidores não críticos de alguma teoria revolucionária que proporcionará o desperdício, a falência ou, minimamente, o crescimento não sustentável.

Não posso aceitar como tática do bom combate a política do quanto pior melhor, mas não posso também aceitar, impassível, a política assistencialista que, anestesiando a consciência oprimida, prorroga "sine die", a necessária mudança da sociedade. [4] Não é mais possível reduzir o Ser Humano ao pensamento dicotômico, à convergência, à concordância pura e simples com o pensamento dominante, qualquer

seja essa dominação. Fazê-lo digestor ao invés de gestor de sua própria existência é cruel. Formá-lo para seguidor ao invés de inovador, promover apatia em contraponto ao empreendedorismo é cuidar de sua permanência involutiva não crítica. O Professor, o aluno, a disciplina, o contexto social e as estratégias metodológicas, são os principais componentes do sistema de construção dos saberes. Historicamente, a teoria da didática vem sofrendo transformações, entre os anos 1920 e 1950 ela era praticada como Escola Nova (ideias de Jan Amos Komensky/Comenius-século XVII), buscava superar os postulados da Escola Tradicional, trazendo assim uma reforma interna na Escola. O movimento da Escola Nova defendia a necessidade de partir dos interesses das crianças, abandonando a visão da criança como adulto em miniatura passando a considerá-la capaz de adaptar-se a cada fase de seu desenvolvimento. Foi a fase do aprender fazendo, momento em que os jogos educativos passaram a ter um papel importante. Mas, apesar de algumas boas intenções e ações os procedimentos não visavam a continuidade do processo, a construção do ser através de saberes. Nos anos de 1960 a 1980 a didática assume um enfoque teórico numa dimensão denominada tecnicista, e deixa o enfoque humanista centrado no processo interpessoal, por uma dimensão técnica do processo ensino-aprendizagem. A era industrial faz-se presente na escola e a didática é vista como uma estratégia objetiva, racional e neutra do processo. O referencial principal do ensino é a fábrica e sobre ela se constroem as práticas educativas e as conceptualizações referentes à educação. Somente a partir dos anos 1960 o currículo começa a fazer parte do campo da didática alternando-se sua incumbência segundo a predominância de uma forma ou outra no entendimento da educação e da didática. A tendência atual considera imprescindível a integração entre currículo e didática como forma de se apresentar como um instrumento capaz de proporcionar efetivo apoio à prática pedagógica. Já no período a partir de 1990 até os dias de hoje a Didática torna-se (teoricamente) um instrumento para a cooperação entre docente e discente, para que realmente ocorra a apropriação dos processos de ensinar e de aprender. Para isso acontecer é importante o comprometimento de ambos, para que a construção do conhecimento aconteça afetiva, eficaz e efetivamente. Aqui notamos a ausência de um sistema, de uma ferramenta facilitadora, integradora e realizadora. A princípio, didática e currículo se desenvolveram de forma paralela sem a interferência de uma no campo da outra, referindo-se cada uma a conteúdos, sujeitos e finalidades diferentes. Segundo Cipriano Luckesi, a didática para assumir um papel significativo na formação do educador não poderá reduzir-se e dedicar-se somente ao ensino de meios e mecanismos pelos quais desenvolver um processo de ensino-aprendizagem, e sim,

deverá ser um modo crítico de desenvolver uma prática educativa forjadora de um projeto histórico; que não será feito tão somente pelo educador, mas, por ele conjuntamente com o educando e outros membros dos diversos setores do grupo social. Ela deve servir como mecanismo de tradução prática, no exercício educativo, de decisões sociopolíticas, filosóficas e epistemológicas de um projeto de desenvolvimento dessa sociedade. Vários são os fatores comportamentais que impedem o aprendiz de assimilar o que é ensinado em sala de aula. A inibição, a dispersão e a postura do aluno como ser social são fatores que sobressaem e notadamente, quando não problematizados, prejudicam o relacionamento professor-aluno. A prepotência, a intransigência e a superioridade formal do Instrutor são importantes fatores para não acontecer o aprendizado. Aos aprendizes é debitado o aprender a exercitar a socialização de seu pensamento. É provado que uma aula dinâmica, aparentemente informal e descompromissada dos livros didáticos e roteiros pré-definidos, alcança com maior velocidade, eficiência e eficácia os resultados esperados do que aqueles obtidos, e às vezes não, em "aulas normais". Desta maneira, entende-se que os recursos didáticos devem se afastar do convencional e da enfadonha sala fechada e buscar ambientes descontraídos, sempre que possível - um trabalho extra considerado desnecessário pelos educadores "tradicionais". Como detentor de um inegável poder, o Professor "aprendeu" a responsabilizar seus alunos pelo próprio fracasso no processo ensino-aprendizagem. Para ele, quando o aluno não aprende, a culpa é deste, do aluno e nunca dele, o Professor. Alguns professores sentem-se "orgulhosos" de algumas situações como: alunos que não obtêm rendimento satisfatório, alguns relapsos e que não aprendem ou aprendem apenas o suficiente para serem aprovados (para avançar um período), em outros casos, são o sistema, o método ou até a conjuntura, nos quais falta isso ou aquilo os responsáveis pelo baixo rendimento, evasão e reprovação dos estudantes. Esse profissional perde sua seriedade, capacidade, e utilidade profissionais. Em todos os campos da atividade humana o profissional não deve agir sem responsabilizar-se, pois as consequências são funestas e danosas para cada um e, principalmente para o outro. A educação não deve ser a única atividade profissional em que o trabalhador pode não se preocupar com a responsabilidade pelo resultado de seu trabalho. Não pode ser uma profissão na qual não há interesse de se envidar esforços para se superar as reais dificuldades enfrentadas no processo ensino-aprendizagem. A competência profissional do professor deve estar aliada à consideração, ao carinho e ao amor pela função e pelo aluno.

"... Toda a educação começa pelo amor, porque quer ver o outro melhor, feliz,

saudável do ponto de vista da mente e da alma, progredindo, desabrochando, é o início do processo educativo e é também seu objetivo final...” Alberto Vicera – Prof. Da Unisul – SC A Didática do Sonho vem se inserir como ferramenta para estreitar o vínculo Argumento-Professor-Aluno, utilizando métodos e técnicas algumas modernas outras adaptadas ao contexto do século 21, mas sempre com o caráter da inovação e percepção das necessidades dos Sujeitos: Professores e Alunos e o método, numa visão das dimensões de passado (Professor, Instrutor, Treinador), presente (método, plataforma) e futuro (aluno, trinando, aprendiz). Porque é impensável educar sem avaliar e retro alimentar o processo, não é possível “despejar” informação sem o compromisso de se saber o quanto, quando, e se, essa informação irá fazer parte da realidade do aprendiz. E, entendemos que a avaliação desejável é a visão da construção do conhecimento do aprendiz, o empreendedorismo de seu próprio destino. Para que haja uma eficácia na didática aplicada, é preciso que os ensinamentos abranjam a grade curricular proposta de modo integral de acordo com o nível escolar, a faixa etária e a aplicação dos conhecimentos. Como extinguir a grade é o âmago da Didática do Sonho. A leitura, a escrita e a oralidade, antes de serem objetivos específicos que variam de acordo com o nível escolar, são capacidades a desenvolver como coadjuvantes do processo ensino-aprendizagem. Pensamos que os alunos devem ser provocados sutilmente, e de acordo com seus sonhos, para consecução dos objetivos, avaliação e progressão do seu particular processo. Freinet postulava que o ser humano deve aprender a criar, se expressar, se comunicar, viver em grupo, ter sucesso, aqui descobrir e se organizar. Suprindo essas necessidades vitais a escola formaria, enfim, cidadãos autônomos e cooperativos. Acrescentaríamos à sua lista: cidadãos livres, finitos, mas construtivos. A construção é um processo, é um sistema e acreditamos que uma vez iniciada e instalada não se extingue, não cessa, não cansa. Antes, realimenta o processo. Os desafios do conhecimento, sociais, estruturais e ecológicos da relação Professor-Aluno são grandes. A pedagogia de Paulo Freire (1983) requer um educador “*percebedor*” e “*problematizador*” da realidade. Um professor precisa apreender que é preciso conhecer a realidade e respeitar a individualidade. É ainda, necessário para acontecer A Didática do Sonho, o envolvimento, inclusive emocional, um código ético de convivência, de ajuda, de respeito e de desenvolvimento mútuos. O ensino não é via de mão única. No dizer de Freire: “Não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes”. Todos nós temos algo a aprender e a ensinar. Cabe aos Mestres mostrar isso, ensinar é uma arte de difícil compreensão e mais difícil se torna a operacionalização se transmutada do convencional, do apático e do tradicional. Ensinar é uma busca de valores,

compreensões e relações em que é preciso entender bem o nível de compreensão da linguagem de quem está ensinando. Nesse ponto, usar a família ou alguma outra externalidade como referencial nem sempre é funcional porque essas referências podem não ser integrantes de seu dia-a-dia. Entendemos que o melhor e mais tangível referencial é o próprio sujeito, ele é o autor, é ele o senhor de sua construção. A primeira lição é buscar conhecer a realidade do local, da escola, dos estudantes, da empresa, fazendo uma parceria professor-sujeito. É preciso, sobretudo, "ser apaixonado pelo que se faz". A Sociedade está em constante transformação, as mudanças são cada vez mais instantâneas e o olhar para o ambiente deve acompanhar essa fugacidade temporal, reinventando-se. A escola tem a missão de demonstrar essa realidade e, nessa visão do real, buscar soluções para os problemas, aprofundamento dos compromissos, da compreensão e do amor ao aluno, para a partir daí se alvitrar a fazer educação-aprendizagem-emprededorismo. O Homem é livre, tem poder de decisão, é responsável, busca crescimento pessoal. O aluno é considerado na sua individualidade, ele é o centro, ou seja, o foco da educação. O Professor é o facilitador, compreende, interage, escuta, dá carinho e atenção ao seu aluno e assim percebe seus sonhos e objetivos de consecutá-los. A aprendizagem deve ser crítica, problematizada, empreendedora, transdisciplinar. Cada aula deve uma estreia, onde os envolvidos precisam ser protagonistas e praticar a arte de ensinar-aprender-construir juntos. O professor parte daquilo que o aluno sabe, pensa, conhece, vive, o homem é o sujeito, ou seja, é ele quem constrói sua história-vida-futuro. As matérias devem ser discutidas com o aluno/aprendiz, ele é partícipe da construção dessa disciplina (de dentro para fora). A aula deve ser construída com o aluno. Tanto o Professor como o aluno são atores dentro de sala. No processo ensino-aprendizagem da Didática do Sonho o professor deve ser mediador, ou seja, deve ter seu foco voltado para seu aluno. Tornar a aula interessante para o aluno, compreender o real significado do que está sendo trabalhado é um dos desafios que o professor enfrenta. Pois o aluno deve sentir necessidade na aprendizagem, clareza do conteúdo e sua importância na vida real. Então por meio da tecnologia é possível maximizar o processo de ensino e aprendizagem tendo o professor como mediador. Nesse processo podemos utilizar recursos de TIC, audiovisuais, textos programados, rádio, televisão, meios impressos, filmes, aulas extraclasse, teatralização e outros, apenas limitados pela imaginação, estrutura física e recursos materiais. Mas, será sempre possível improvisar e maximizar os recursos mesmo que poucos.

Desenvolver pessoas não é apenas dar-lhes informação para que elas aprendam

novos conhecimentos, habilidades e destrezas e se tornem mais eficientes naquilo que fazem. É, sobretudo, dar-lhes a formação básica para que elas aprendam novas atitudes, soluções, ideias, conceitos e que modifiquem seus hábitos e comportamentos e se tornem mais eficazes naquilo que fazem.[5]

A Didática do Sonho vem se imiscuir também na educação profissional ou profissionalizante. É danoso para o homem e sua comunidade continuar se formando e treinando pessoas dissociadas dos verdadeiros interesses do sonho e de sua transformação em projetos viáveis e construtivos. Constata-se que a competitividade do Ser Humano nunca foi tão inerente ao seu processo de aprendizado. Essa verdade pode ser facilmente percebida pela mudança da responsabilidade de sua contratação, promoção, demissão, de um setor da Empresa para o próprio Sujeito. O Sistema da Corporação que Aprende torna-se vital e faz parte das entranhas de algumas empresas líderes de mercado. Há uma distância entre os conceitos: conhecer, poder fazer e querer fazer. Para conhecer é preciso apenas informação e treinamento, repetição, instruções operacionais. A durabilidade do treinamento é curta, treinamos técnicos ou operadores com prazo de validade cada vez menor, devido às mudanças tecnológicas ou estratégicas da corporação. É preciso construir o aprendizado, mas o foco é tão somente o psicomotor. Para poder fazer, vamos adentrar pelo campo das habilidades e a capacitação desses talentos, o prazo de validade é um pouco maior porque vamos para os extratos da Gestão e a consolidação de uma carreira. Ainda assim, a educação nesse patamar está ligada aos processos cognitivos, mas é volátil e o custo perde-se ao longo do tempo (médio prazo), uma vez que a capacitação torna-se obsoleta, cada vez mais rapidamente. Para o querer fazer, partimos para as atitudes do Sujeito, para suas competências é ele quem decide se quer ou não! Se quiser, deverá assumir suas responsabilidades, ser gestor de sua educação/formação/treinamento e comportamentos internos à organização, no ambiente externo, no pessoal e interpessoal. A construção de seu conhecimento é sensível através de seu comportamento. Aqui percebemos uma construção mais duradoura.

É próprio do pensar certo, a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa do velho não é apenas cronológico.^[6] Essa atitude é estratégica para a vida, para a escola e para a companhia, porque não envelhece, não vence o prazo – avança com o tempo, não caduca! É cada vez mais atual e antes, sonha, projeta e realiza o futuro.

"Como posso ser substancial sem dispor de uma sobra?

Eu também preciso ter um lado escuro, se quiser ser inteiro; e, tornando-me consciente de minha sombra, lembro-me, novamente, que sou um ser humano como qualquer outro." (Jung, 1931, p.59) Num escólio livre às palavras de Goethe: é preciso perceber que as leis fundamentais são poucas, mas as interpretações infinitas.

A crise está em que nem todos (instituições, grupos, movimentos) aceitam a mesma hierarquia de valores e em que não há, para a humanidade... , para um país ou para um bloco de países, uma escala de valores estabelecida de alguma maneira que seja superior a todos e, por isso, inquestionável.^[7] Amplio a proposta da tridimensionalidade das competências com a inclusão do sonhar como a quarta dimensão. De nada adianta a construção do conhecimento estruturado ou pouco estruturado se o Sujeito não quiser mais, se o seu comportamento for em direção contrária aos objetivos estratégicos dele próprio e da corporação, ou, no mínimo fazer-se retrógrado, como também, conseqüentemente, pouco resulta o esforço da empresa que não aprende: será cada vez mais seguidora, não enxergará o comportamento estratégico e morrerá sem cumprir sua função. Numa representação simples é possível perceber que as pessoas são a empresa (a instituição, a escola, o governo, o hospital, a indústria, a casa...) e essa é para as pessoas. Poderíamos aqui falar de um Antropocentrismo Moderno?

Quanto antes for produzida a percepção desse sistema, maior a possibilidade de cumprimento da sua função social e sua perpetuação na comunidade de forma sustentável, humana, ética. Segundo Paulo Freire: "Os caminhos da libertação são os do oprimido que se libera; ele não é coisa que se resgata, é sujeito que se deve autoconfigurar responsabilmente". Pretendemos o aprendiz não como produtor de mesmices, mas como (re) criador de possibilidades. Os fazeres não visam o objeto, mas o sujeito, o ser em a sua construção irá durar um momento ou toda sua vida de acordo com seu sonho. A visão do objeto é consequência da edificação do sujeito. A aprendizagem deve conter em si a performance investigativa – o objetivo conseguido muda-se no próximo desafio – e assim proporcionar ao ser humano sua construção enquanto sujeito da sua história e das histórias. A construção vem do sonho: o sonho de querer melhor, mais, querer diferente, de querer ser, de querer saber, ao fim e ao cabo de querer construir! Somente a criticidade produz o conhecimento produtivo, não é possível construir saberes na concordância total às realidades dadas. Caminhar no hoje com essa bagagem crítica, investigativa e

possível de reengendrar, fatalmente levará o Sujeito a seu futuro. Assim, a construção ou o desenvolvimento da aprendizagem deságua no pensar crítico individual, ferramenta com a qual o ser humano irá reelaborar a realidade, sua e a do outro, do grupo, das obras, das coisas e do quê fazer. Entende-se dessa forma um sistema formacional contínuo, fundado no pensamento sistêmico e movido pelo sujeito. Em resposta às questões pesquisadas, percebe-se que a relação ensino-aprendizagem deve-se basear na construção dos sonhos do sujeito em direção a sua complementação mesmo que finita. Sonhar e basear no amor as atitudes do trabalho de ensinar irá, certamente, modificar a percepção do aprendiz e do instrutor no momento em que se conseguirá realizar a mudança dos atores do processo. Abordar o processo de ensinar como um sistema inacabado e em constante mudança irá permitir o entendimento de que a construção do ensinar deve ser contínua e na mesma direção o aprender. É razão desta pesquisa a sistematização dos processos propostos num chassi pedagógico, no qual possamos modular as dimensões do que se pretende. Assim, independentemente da disciplina a ensinar, seja ela qual for, essa plataforma poderá ser individualizada de acordo os sujeitos do processo ensino-aprendizagem-construção. Essa investigação não se esgota na "sala de aula", antes parte dela. Será o ambiente educacional o cenário de partida para os atores dessa metodologia operarem e atingirem a sociedade, a corporação, o mundo. A plataforma proposta é facilitadora do ensino-aprendizagem e se reconfigura, autodetalha e admite sua utilização em diversas propostas e métodos educacionais/formacionais. Pretendemos transformar o aprender em prazer de aprender, esse encanto no aprender em necessidade de aprender e esse imperativo da aprendizagem em movedor do empreendedorismo da vida do sujeito.

Referências bibliográficas

- **BERNARD**, Eliade. A escola aberta: Freinet no secundário. Lisboa: Horizonte, 1978.
- **CHIAVENATO**, Idalberto. Gestão de Pessoas: O Novo Papel dos Recursos Humanos nas Organizações. p. 290. Rio de Janeiro. Campus, 1999.
- **COSTA**, Ana Cláudia Athayde da. Educação Corporativa: um avanço na gestão integrada do desenvolvimento humano. Rio de Janeiro. Qualitymark Ed. 2001. p. 32.
- **FREINET**, Célestin. Para uma escola do povo. Lisboa: Presença, 1973.
- **FREINET**, Célestin. Pedagogia do bom-senso. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- **FREINET**, Célestin. A educação pelo trabalho. Lisboa: Presença, 1974.
- **FREIRE**, Paulo. Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa. São

Paulo. Paz e Terra. ed. 27. p. 80.

- **GANDIN**, Danilo. A Prática do Planejamento Participativo. Petrópolis, RJ. Vozes. ed. 11. p. 22.
- O marketing dos sonhos
- **Jung**, Carl Gustav. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.
- **PILETTI**, Claudino. Didática Geral. São Paulo. Ática. ed. 11. p. 42.
- **SAMPAIO**, Rosa Maria Whitaker Ferreira. Freinet: evolução histórica e atualidades. São Paulo: Scipione, 1989.
- **SENGE**, Peter. A quinta disciplina. São Paulo. Best Seller, 2004.
- **Sócrates**. O Homem e a Filosofia. Século X aC.

[1] Meu comentário.

[2] Sócrates. O Homem e a Filosofia. Século X aC.

[3] Doutora em Educação pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH, da Universidade de São Paulo - USP; Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas - Unicamp.

[4] FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia Saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra. ed. 27. p. 80.

[5] CHIAVENATO, Idalberto. Gestão de Pessoas: O Novo Papel dos Recursos Humanos nas Organizações. p. 290. Rio de Janeiro. Campus, 1999.

[6] FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra. ed. 27. p. 35.

[7] GANDIN, Danilo. **A Prática do Planejamento Participativo**. Petrópolis, RJ. Vozes. ed. 11. p. 22.

INTRODUÇÃO Ao se entender as diversas compilações históricas sobre a Didática, fica visível a importância de se provocar uma abordagem fundada no amor do Sujeito pelo que faz, como forma de sonhar junto e atingir a realização deste sonho em atitudes positivas e construtivas para ele e para o outro. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e de campo que compreende entrevistas com educadores, educandos e Diretores de estabelecimentos de ensino em Aracaju – SE. Os objetivos que se pretendiam alcançar foram a constatação da urgência de se propor uma matriz tecnológica não excludente para o ensino e a possibilidade de iniciar sua teorização e desenvolvimento. Pretende-se utilizar a Tecnologia da Informação e de Comunicação como plataforma para construção dos saberes e não como simples veículo. Assim, não propomos ensinar com a tecnologia, mas utilizá-la para construir o aprender de forma customizada, individualizada.

A Didática, portanto estuda as técnicas de ensino em todos os seus aspectos práticos e operacionais, a técnica de estimular, dirigir e encaminhar no discurso da aprendizagem a formação do homem.[1] Assim, é a ciência que se ocupa de estudar os princípios, as normas e as técnicas que devem regular qualquer tipo de ensino, para qualquer tipo de aprendiz. Ela nos propõe uma visão geral da atividade docente. Estuda aspectos científicos de determinada disciplina, analisa os problemas e dificuldades da aprendizagem de cada disciplina e organiza os meios para tentar resolvê-los. Podemos dizer que “surge” em uma crise no século XVII e constitui um marco revolucionário e doutrinário no campo da Educação, dela esperavam-se reformas da humanidade, devendo orientar educadores e deles dependeria a formação das novas gerações. Como fica claro, havia (e ainda há) muitas esperanças nela depositadas, acompanhadas infelizmente, de não realizações e de algumas frustrações. Todas essas linhas de pensamento constitutivo, normativo e procedural nos remetem a *Ratíquio*, Comenius, e Rousseau. Didática significa muito mais ou deveria significar, propomos que deveria se ocupar a desenvolver a capacidade de questionamento e de experimentação das informações. O sujeito deve ser desafiado continuamente ao não conformismo e não o contrário: pessoa conformada = pessoa comportada ou mais um tijolo na parede (“*another brick in the wall*” – música do Pinky Floyd, Álbum *The Wall*), pensamos que pessoa conformada, engessada, retrógrada = pessoa infeliz. Na verdade os vários conceitos para a Didática significam o mesmo: se ocupa das técnicas e métodos de ensino destinados a colocar em prática as diretrizes das teorias pedagógicas, enfim, seu objeto é o estudo do processo de ensino e aprendizagem. Para que o “ensinador” não se torne mero executor (escravo) do instrumental à sua disposição, deve ele também fomentar sua criticidade e avaliá-la, continuamente a partir das realidades em que atua. Na prática, os objetivos que nos propomos alcançar junto aos sujeitos do aprendizado são o elemento fundamental em nosso trabalho letivo, embora a Didática corrente se ocupe primordialmente com “o como ensinar”, ou seja, seus métodos e técnicas. Julgamos importante, antes de estudá-los refletir sobre seus fundamentos, sobre as razões do seu emprego ou não e sobre os fatores que intervêm em seu aproveitamento ou não aplicação em um determinado momento ou situação específica. Caso contrário, correremos o risco de nos convertemos naqueles escravos dos instrumentos – métodos e técnicas. Não há forma única nem um único modelo de educação; em cada país, sociedade ou grupo ocorre de uma maneira diferente. E, se chegarmos ao ser humano, razão do desenvolvimento desse trabalho, a realidade é ainda mais particular e deve ser customizada a esse ponto. É fácil perceber, mas será difícil

operacionalizar?

Pensamos que não, é necessário o concurso de um método, uma plataforma, um sistema. Cada grupo tem realidades e valores diversos e conseqüentemente diferentes concepções de educação. A ideia de educação de cada substrato social é inerente à sua realidade e seus valores, tudo isso voltado para a pessoa, origem e fim do próprio grupo. Evidentemente, educação não deveria se confundir com escolarização, pois, fundamentalmente, a escola não é o único lugar onde se faz educação. A família é o primeiro elemento social que influi na educação. A ausência da família é um dificultador da sobrevivência do indivíduo (enquanto a clonagem, a educação robótica e a inteligência artificial ainda fazem parte de nossa ficção científica) e não apenas a subsistência física, mas psicológica, moral e espiritual. Portanto, acreditamos que a escola só conseguirá cumprir plenamente sua função quando acontecer o entrosamento de todos os atores envolvidos no processo. A atmosfera formacional deve ser um ambiente, onde pais, professores e alunos promovam conjuntamente a educação, onde pais (responsáveis) ou patrões (líderes) ou escolas (empresas), treinador (professor), e alunos (treinandos) se envolvam no processo de ensino-aprendizagem. Devemos conseguir a percepção de que o sistema estará incompleto e não funcional, inoperante, na ausência de uma das partes. Esse sistema não poderá jamais ser reduzido a uma dicotomia. A didática costumeira tem como foco as condições para o desenvolvimento harmônico do aluno, pelo menos teoricamente. Na didática duas linhas se destacam e estão em conflito: a metodologia e seus instrumentos e a outra parte: o sujeito e seus anseios, necessidades e projetos (sonhos). Mas, o conflito, é claro, não deve subentender guerra, destruição, animosidade, mas, procura do acerto, desconstrução, busca incessante, construção sustentável, investigação, provocação e não comodismo e não aceitação do comum, do corriqueiro e do ordinário. Segundo Vera Maria Ferrão Candau, educadora da PUC/RJ, a Didática age como sendo reflexão sistemática e busca de alternativas para os problemas da pedagogia. Ou seja, é uma reflexão sistemática que acontece (ou deveria acontecer)[1] na escola e na aula. A didática oscila entre esses dois modos de interpretar a relação: ênfase no sujeito que seria não induzido, mas "seduzido", segundo a nossa percepção, a aprender pelo caminho da curiosidade e da motivação – ou ênfase no método como único caminho que conduz do não-saber ao saber, estrada formal descoberta pela razão humana. A consciência da finitude do Sujeito e o reconhecimento de suas limitações e, é claro seu "inacabamento" fazem parte de sua construção e o único legado imortal seu, será a diferença possível no agir, criada a partir de suas atitudes críticas. Sem um sistema, a educação não está e jamais estará

suscetível a executar sua função, como também os sujeitos sem a educação não o estão. Estaremos todos sem direção. A Educação surge em atual cenário para estimular a construção do destino de cada um por si próprio. A responsabilidade do Educador não será mais a extinção do conteúdo, per si, num clima disciplinar, mas a certeza de que a Pessoa assumiu irremediavelmente a ruptura e tomou o mando de sua própria construção - é empreendedora de seu futuro. O Sistema Educacional enquanto procedimento, não se extingue na conclusão de um Curso, uma Graduação, um Treinamento, ou de uma Pós-graduação inicia-se, continua e se perpetua. "...Só sei que nada sei..."[2]. Vaticinado há tantos séculos e deveria ter sido dito por quase todos os Educadores e Pensadores dos séculos XX e XXI. A primeira constatação percebida pela História e pela História da Educação é que ainda não se considerou no Brasil, a Formação como um Sistema. A Escola é considerada quase tudo: depósito de crianças e adolescentes, rol de problemas, elenco de excluídos e párias, justificativa internacional para obtenção de empréstimos e doações e, claro, discurso inflamado para obtenção de votos em todas e quaisquer eleições. Mas, seu verdadeiro sentido está perdido no tempo, nos esquecidos discursos altruístas e nas propostas humanitárias e não megalômanas. O Homem é um ser complexo e sua formação deve ser um sistema, longe da colcha de retalhos de séries desconexas e métodos equivocados. Um dos exemplos que se pode citar é a aplicação do Construtivismo, que de uma linha de pensamento ou ainda uma Filosofia de Ensino passou aqui nos Tupiniquins a um Método de Ensino, pelo menos no discurso, como?

Para se tratar uma complexidade é preciso deter o conhecimento do assunto, o mais profundamente possível. Quando se propaga em alta voz a urgência da Educação Transdisciplinar, esquece-se da obtenção do método. A discussão deve envolver além dos Educadores outros Cientistas Sociais, para que somadas as visões do Homem percebidas por cada um, consiga-se traçar um Sistema Educacional para Formar o ser humano e não apenas recheá-lo de informações, quase nunca úteis para sua existência e prática profissional. O nivelamento por baixo é o de mais fácil percepção e acontece dos bairros Mosqueiro (baixa renda) a 13 de Julho ou Jardins (classe média alta). Os métodos são excludentes e informacionais um menos e o outro mais, mas ambos igualmente engessados, paradigmáticos e redutores. Um aprendiz de uma das escolas, a "pobre" e a "rica" sonha menos do que outro?

Ou sonha diferente?

Qual é o "melhor" sonho?

Qual deles será empreendedor?

Quem obterá a consecução de seus projeto?

É o Chão de Fábrica menos ou mais importante que o Gabinete do Supervisor?

A Reitoria é mais importante que a sala de aulas?

O Professor é mais importante que o treinando?

São indagações simples de respostas complexas. Os sonhos e projetos dos alunos da Escola Elementar remetem aos projetos dos Universitários que deveriam, num processo contínuo, embasar o atitudinal do Operário, Professor, Profissional Liberal, Pesquisador, Diretor da Empresa ou Reitor da Universidade. Como diz a Dra. Amélia Domingues de Castro[3]: É caso de distinguir-se o significado de novo e de recente, pois o movimento declara, como precursores, todos aqueles que mesmo em outras eras atendem às condições da infância e poderiam entrar na fórmula consagrada de atender às crianças conforme seus Interesses, por meio de suas atividades e de um ambiente de liberdade. Nova seria, sobretudo, a amplidão do movimento e sua roupagem moderna. Teoricamente, fica claro que o ambiente educacional é um sistema, mas e a prática?

É urgente transformarmos essa realidade, sob risco de continuarmos a formar apertadores de botões, repetidores de normas e procedimentos e seguidores não críticos de alguma teoria revolucionária que proporcionará o desperdício, a falência ou, minimamente, o crescimento não sustentável.

Não posso aceitar como tática do bom combate a política do quanto pior melhor, mas não posso também aceitar, impassível, a política assistencialista que, anestesiando a consciência oprimida, prorroga "sine die", a necessária mudança da sociedade. [4] Não é mais possível reduzir o Ser Humano ao pensamento dicotômico, à convergência, à concordância pura e simples com o pensamento dominante, qualquer seja essa dominação. Fazê-lo digestor ao invés de gestor de sua própria existência é cruel. Formá-lo para seguidor ao invés de inovador, promover apatia em contraponto ao empreendedorismo é cuidar de sua permanência involutiva não crítica. O Professor, o aluno, a disciplina, o contexto social e as estratégias metodológicas, são os principais componentes do sistema de construção dos saberes. Historicamente, a teoria da didática vem sofrendo transformações, entre os anos 1920 e 1950 ela era praticada como Escola Nova (ideias de Jan Amos Komensky/Comenius-século XVII), buscava superar os postulados da Escola Tradicional, trazendo assim uma reforma interna na Escola. O movimento da Escola Nova defendia a necessidade de partir dos interesses das crianças, abandonando a visão da criança como adulto em miniatura passando a considerá-la capaz de adaptar-se a cada fase de seu desenvolvimento. Foi a fase do aprender fazendo, momento em que os jogos educativos passaram a ter um papel importante. Mas, apesar de algumas boas intenções e ações os procedimentos

não visavam a continuidade do processo, a construção do ser através de saberes. Nos anos de 1960 a 1980 a didática assume um enfoque teórico numa dimensão denominada tecnicista, e deixa o enfoque humanista centrado no processo interpessoal, por uma dimensão técnica do processo ensino-aprendizagem. A era industrial faz-se presente na escola e a didática é vista como uma estratégia objetiva, racional e neutra do processo. O referencial principal do ensino é a fábrica e sobre ela se constroem as práticas educativas e as conceptualizações referentes à educação. Somente a partir dos anos 1960 o currículo começa a fazer parte do campo da didática alternando-se sua incumbência segundo a predominância de uma forma ou outra no entendimento da educação e da didática. A tendência atual considera imprescindível a integração entre currículo e didática como forma de se apresentar como um instrumento capaz de proporcionar efetivo apoio à prática pedagógica. Já no período a partir de 1990 até os dias de hoje a Didática torna-se (teoricamente) um instrumento para a cooperação entre docente e discente, para que realmente ocorra a apropriação dos processos de ensinar e de aprender. Para isso acontecer é importante o comprometimento de ambos, para que a construção do conhecimento aconteça afetiva, eficaz e efetivamente. Aqui notamos a ausência de um sistema, de uma ferramenta facilitadora, integradora e realizadora. A princípio, didática e currículo se desenvolveram de forma paralela sem a interferência de uma no campo da outra, referindo-se cada uma a conteúdos, sujeitos e finalidades diferentes. Segundo Cipriano Luckesi, a didática para assumir um papel significativo na formação do educador não poderá reduzir-se e dedicar-se somente ao ensino de meios e mecanismos pelos quais desenvolver um processo de ensino-aprendizagem, e sim, deverá ser um modo crítico de desenvolver uma prática educativa forjadora de um projeto histórico; que não será feito tão somente pelo educador, mas, por ele conjuntamente com o educando e outros membros dos diversos setores do grupo social. Ela deve servir como mecanismo de tradução prática, no exercício educativo, de decisões sociopolíticas, filosóficas e epistemológicas de um projeto de desenvolvimento dessa sociedade. Vários são os fatores comportamentais que impedem o aprendiz de assimilar o que é ensinado em sala de aula. A inibição, a dispersão e a postura do aluno como ser social são fatores que sobressaem e notadamente, quando não problematizados, prejudicam o relacionamento professor-aluno. A prepotência, a intransigência e a superioridade formal do Instrutor são importantes fatores para não acontecer o aprendizado. Aos aprendizes é debitado o aprender a exercitar a socialização de seu pensamento. É provado que uma aula dinâmica, aparentemente informal e descompromissada dos livros didáticos e roteiros

pré-definidos, alcança com maior velocidade, eficiência e eficácia os resultados esperados do que aqueles obtidos, e às vezes não, em “aulas normais”. Desta maneira, entende-se que os recursos didáticos devem se afastar do convencional e da enfadonha sala fechada e buscar ambientes descontraídos, sempre que possível - um trabalho extra considerado desnecessário pelos educadores “tradicionais”. Como detentor de um inegável poder, o Professor “aprendeu” a responsabilizar seus alunos pelo próprio fracasso no processo ensino-aprendizagem. Para ele, quando o aluno não aprende, a culpa é deste, do aluno e nunca dele, o Professor. Alguns professores sentem-se “orgulhosos” de algumas situações como: alunos que não obtém rendimento satisfatório, alguns relapsos e que não aprendem ou aprendem apenas o suficiente para serem aprovados (para avançar um período), em outros casos, são o sistema, o método ou até a conjuntura, nos quais falta isso ou aquilo os responsáveis pelo baixo rendimento, evasão e reprovação dos estudantes. Esse profissional perde sua seriedade, capacidade, e utilidade profissionais. Em todos os campos da atividade humana o profissional não deve agir sem responsabilizar-se, pois as consequências são funestas e danosas para cada um e, principalmente para o outro. A educação não deve ser a única atividade profissional em que o trabalhador pode não se preocupar com a responsabilidade pelo resultado de seu trabalho. Não pode ser uma profissão na qual não há interesse de se envidar esforços para se superar as reais dificuldades enfrentadas no processo ensino-aprendizagem. A competência profissional do professor deve estar aliada à consideração, ao carinho e ao amor pela função e pelo aluno.

“... Toda a educação começa pelo amor, porque quer ver o outro melhor, feliz, saudável do ponto de vista da mente e da alma, progredindo, desabrochando, é o início do processo educativo e é também seu objetivo final...” Alberto Vicera – Prof. Da Unisul – SC A Didática do Sonho vem se inserir como ferramenta para estreitar o vínculo Argumento-Professor-Aluno, utilizando métodos e técnicas algumas modernas outras adaptadas ao contexto do século 21, mas sempre com o caráter da inovação e percepção das necessidades dos Sujeitos: Professores e Alunos e o método, numa visão das dimensões de passado (Professor, Instrutor, Treinador), presente (método, plataforma) e futuro (aluno, trinando, aprendiz). Porque é impensável educar sem avaliar e retro alimentar o processo, não é possível “despejar” informação sem o compromisso de se saber o quanto, quando, e se, essa informação irá fazer parte da realidade do aprendiz. E, entendemos que a avaliação desejável é a visão da construção do conhecimento do aprendiz, o empreendedorismo de seu próprio destino. Para que haja uma eficácia na didática aplicada, é preciso que os

ensinamentos abranjam a grade curricular proposta de modo integral de acordo com o nível escolar, a faixa etária e a aplicação dos conhecimentos. Como extinguir a grade é o âmago da Didática do Sonho. A leitura, a escrita e a oralidade, antes de serem objetivos específicos que variam de acordo com o nível escolar, são capacidades a desenvolver como coadjuvantes do processo ensino-aprendizagem. Pensamos que os alunos devem ser provocados sutilmente, e de acordo com seus sonhos, para consecução dos objetivos, avaliação e progressão do seu particular processo. Freinet postulava que o ser humano deve aprender a criar, se expressar, se comunicar, viver em grupo, ter sucesso, aqui descobrir e se organizar. Suprindo essas necessidades vitais a escola formaria, enfim, cidadãos autônomos e cooperativos. Acrescentaríamos à sua lista: cidadãos livres, finitos, mas construtivos. A construção é um processo, é um sistema e acreditamos que uma vez iniciada e instalada não se extingue, não cessa, não cansa. Antes, realimenta o processo. Os desafios do conhecimento, sociais, estruturais e ecológicos da relação Professor-Aluno são grandes. A pedagogia de Paulo Freire (1983) requer um educador "*percebedor*" e "*problematizador*" da realidade. Um professor precisa apreender que é preciso conhecer a realidade e respeitar a individualidade. É ainda, necessário para acontecer A Didática do Sonho, o envolvimento, inclusive emocional, um código ético de convivência, de ajuda, de respeito e de desenvolvimento mútuos. O ensino não é via de mão única. No dizer de Freire: "Não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes". Todos nós temos algo a aprender e a ensinar. Cabe aos Mestres mostrar isso, ensinar é uma arte de difícil compreensão e mais difícil se torna a operacionalização se transmutada do convencional, do apático e do tradicional. Ensinar é uma busca de valores, compreensões e relações em que é preciso entender bem o nível de compreensão da linguagem de quem está ensinando. Nesse ponto, usar a família ou alguma outra externalidade como referencial nem sempre é funcional porque essas referências podem não ser integrantes de seu dia-a-dia. Entendemos que o melhor e mais tangível referencial é o próprio sujeito, ele é o autor, é ele o senhor de sua construção. A primeira lição é buscar conhecer a realidade do local, da escola, dos estudantes, da empresa, fazendo uma parceria professor-sujeito. É preciso, sobretudo, "ser apaixonado pelo que se faz". A Sociedade está em constante transformação, as mudanças são cada vez mais instantâneas e o olhar para o ambiente deve acompanhar essa fugacidade temporal, reinventando-se. A escola tem a missão de demonstrar essa realidade e, nessa visão do real, buscar soluções para os problemas, aprofundamento dos compromissos, da compreensão e do amor ao aluno, para a partir daí se alvitrar a fazer educação-aprendizagem-emprededorismo. O

Homem é livre, tem poder de decisão, é responsável, busca crescimento pessoal. O aluno é considerado na sua individualidade, ele é o centro, ou seja, o foco da educação. O Professor é o facilitador, compreende, interage, escuta, dá carinho e atenção ao seu aluno e assim percebe seus sonhos e objetivos de consecutá-los. A aprendizagem deve ser crítica, problematizada, empreendedora, transdisciplinar. Cada aula deve uma estreia, onde os envolvidos precisam ser protagonistas e praticar a arte de ensinar-aprender-construir juntos. O professor parte daquilo que o aluno sabe, pensa, conhece, vive, o homem é o sujeito, ou seja, é ele quem constrói sua história-vida-futuro. As matérias devem ser discutidas com o aluno/aprendiz, ele é partícipe da construção dessa disciplina (de dentro para fora). A aula deve ser construída com o aluno. Tanto o Professor como o aluno são atores dentro de sala. No processo ensino-aprendizagem da Didática do Sonho o professor deve ser mediador, ou seja, deve ter seu foco voltado para seu aluno. Tornar a aula interessante para o aluno, compreender o real significado do que está sendo trabalhado é um dos desafios que o professor enfrenta. Pois o aluno deve sentir necessidade na aprendizagem, clareza do conteúdo e sua importância na vida real. Então por meio da tecnologia é possível maximizar o processo de ensino e aprendizagem tendo o professor como mediador. Nesse processo podemos utilizar recursos de TIC, audiovisuais, textos programados, rádio, televisão, meios impressos, filmes, aulas extraclasse, teatralização e outros, apenas limitados pela imaginação, estrutura física e recursos materiais. Mas, será sempre possível improvisar e maximizar os recursos mesmo que poucos.

Desenvolver pessoas não é apenas dar-lhes informação para que elas aprendam novos conhecimentos, habilidades e destrezas e se tornem mais eficientes naquilo que fazem. É, sobretudo, dar-lhes a formação básica para que elas aprendam novas atitudes, soluções, ideias, conceitos e que modifiquem seus hábitos e comportamentos e se tornem mais eficazes naquilo que fazem.[5]

A Didática do Sonho vem se imiscuir também na educação profissional ou profissionalizante. É danoso para o homem e sua comunidade continuar se formando e treinando pessoas dissociadas dos verdadeiros interesses do sonho e de sua transformação em projetos viáveis e construtivos. Constata-se que a competitividade do Ser Humano nunca foi tão inerente ao seu processo de aprendizado. Essa verdade pode ser facilmente percebida pela mudança da responsabilidade de sua contratação, promoção, demissão, de um setor da Empresa para o próprio Sujeito. O Sistema da Corporação que Aprende torna-se vital e faz parte das entranhas de

algumas empresas líderes de mercado. Há uma distância entre os conceitos: conhecer, poder fazer e querer fazer. Para conhecer é preciso apenas informação e treinamento, repetição, instruções operacionais. A durabilidade do treinamento é curta, treinamos técnicos ou operadores com prazo de validade cada vez menor, devido às mudanças tecnológicas ou estratégicas da corporação. É preciso construir o aprendizado, mas o foco é tão somente o psicomotor. Para poder fazer, vamos adentrar pelo campo das habilidades e a capacitação desses talentos, o prazo de validade é um pouco maior porque vamos para os extratos da Gestão e a consolidação de uma carreira. Ainda assim, a educação nesse patamar está ligada aos processos cognitivos, mas é volátil e o custo perde-se ao longo do tempo (médio prazo), uma vez que a capacitação torna-se obsoleta, cada vez mais rapidamente. Para o querer fazer, partimos para as atitudes do Sujeito, para suas competências é ele quem decide se quer ou não! Se quiser, deverá assumir suas responsabilidades, ser gestor de sua educação/formação/treinamento e comportamentos internos à organização, no ambiente externo, no pessoal e interpessoal. A construção de seu conhecimento é sensível através de seu comportamento. Aqui percebemos uma construção mais duradoura.

É próprio do pensar certo, a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa do velho não é apenas cronológico.^[6] Essa atitude é estratégica para a vida, para a escola e para a companhia, porque não envelhece, não vence o prazo – avança com o tempo, não caduca! É cada vez mais atual e antes, sonha, projeta e realiza o futuro.

"Como posso ser substancial sem dispor de uma sobra?

Eu também preciso ter um lado escuro, se quiser ser inteiro; e, tornando-me consciente de minha sombra, lembro-me, novamente, que sou um ser humano como qualquer outro." (Jung, 1931, p.59) Num escólio livre às palavras de Goethe: é preciso perceber que as leis fundamentais são poucas, mas as interpretações infinitas.

A crise está em que nem todos (instituições, grupos, movimentos) aceitam a mesma hierarquia de valores e em que não há, para a humanidade... , para um país ou para um bloco de países, uma escala de valores estabelecida de alguma maneira que seja superior a todos e, por isso, inquestionável.^[7] Amplio a proposta da tridimensionalidade das competências com a inclusão do sonhar como a quarta

dimensão. De nada adianta a construção do conhecimento estruturado ou pouco estruturado se o Sujeito não quiser mais, se o seu comportamento for em direção contrária aos objetivos estratégicos dele próprio e da corporação, ou, no mínimo fazer-se retrógrado, como também, conseqüentemente, pouco resulta o esforço da empresa que não aprende: será cada vez mais seguidora, não enxergará o comportamento estratégico e morrerá sem cumprir sua função. Numa representação simples é possível perceber que as pessoas são a empresa (a instituição, a escola, o governo, o hospital, a indústria, a casa...) e essa é para as pessoas. Poderíamos aqui falar de um Antropocentrismo Moderno?

Quanto antes for produzida a percepção desse sistema, maior a possibilidade de cumprimento da sua função social e sua perpetuação na comunidade de forma sustentável, humana, ética. Segundo Paulo Freire: "Os caminhos da libertação são os do oprimido que se libera; ele não é coisa que se resgata, é sujeito que se deve autoconfigurar responsabilmente". Pretendemos o aprendiz não como produtor de mesmices, mas como (re) criador de possibilidades. Os fazeres não visam o objeto, mas o sujeito, o ser em a sua construção irá durar um momento ou toda sua vida de acordo com seu sonho. A visão do objeto é consequência da edificação do sujeito. A aprendizagem deve conter em si a performance investigativa – o objetivo conseguido muda-se no próximo desafio – e assim proporcionar ao ser humano sua construção enquanto sujeito da sua história e das histórias. A construção vem do sonho: o sonho de querer melhor, mais, querer diferente, de querer ser, de querer saber, ao fim e ao cabo de querer construir! Somente a criticidade produz o conhecimento produtivo, não é possível construir saberes na concordância total às realidades dadas. Caminhar no hoje com essa bagagem crítica, investigativa e possível de reengendrar, fatalmente levará o Sujeito a seu futuro. Assim, a construção ou o desenvolvimento da aprendizagem deságua no pensar crítico individual, ferramenta com a qual o ser humano irá reelaborar a realidade, sua e a do outro, do grupo, das obras, das coisas e do quê fazer. Entende-se dessa forma um sistema formacional contínuo, fundado no pensamento sistêmico e movido pelo sujeito. Em resposta às questões pesquisadas, percebe-se que a relação ensino-aprendizagem deve-se basear na construção dos sonhos do sujeito em direção a sua complementação mesmo que finita. Sonhar e basear no amor as atitudes do trabalho de ensinar irá, certamente, modificar a percepção do aprendiz e do instrutor no momento em que se conseguirá realizar a mudança dos atores do processo. Abordar o processo de ensinar como um sistema inacabado e em constante mudança irá permitir o entendimento de que a construção do ensinar deve

ser contínua e na mesma direção o aprender. É razão desta pesquisa a sistematização dos processos propostos num chassi pedagógico, no qual possamos modular as dimensões do que se pretende. Assim, independentemente da disciplina a ensinar, seja ela qual for, essa plataforma poderá ser individualizada de acordo os sujeitos do processo ensino-aprendizagem-construção. Essa investigação não se esgota na "sala de aula", antes parte dela. Será o ambiente educacional o cenário de partida para os atores dessa metodologia operarem e atingirem a sociedade, a corporação, o mundo. A plataforma proposta é facilitadora do ensino-aprendizagem e se reconfigura, autodetalha e admite sua utilização em diversas propostas e métodos educacionais/formacionais. Pretendemos transformar o aprender em prazer de aprender, esse encanto no aprender em necessidade de aprender e esse imperativo da aprendizagem em movedor do empreendedorismo da vida do sujeito.

Referências bibliográficas

- **BERNARD**, Eliade. A escola aberta: Freinet no secundário. Lisboa: Horizonte, 1978.
- **CHIAVENATO**, Idalberto. Gestão de Pessoas: O Novo Papel dos Recursos Humanos nas Organizações. p. 290. Rio de Janeiro. Campus, 1999.
- **COSTA**, Ana Cláudia Athayde da. Educação Corporativa: um avanço na gestão integrada do desenvolvimento humano. Rio de Janeiro. Qualitymark Ed. 2001. p. 32.
- **FREINET**, Célestin. Para uma escola do povo. Lisboa: Presença, 1973.
- **FREINET**, Célestin. Pedagogia do bom-senso. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- **FREINET**, Célestin. A educação pelo trabalho. Lisboa: Presença, 1974.
- **FREIRE**, Paulo. Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra. ed. 27. p. 80.
- **GANDIN**, Danilo. A Prática do Planejamento Participativo. Petrópolis, RJ. Vozes. ed. 11. p. 22.
- O marketing dos sonhos
- **Jung**, Carl Gustav. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.
- **PILETTI**, Claudino. Didática Geral. São Paulo. Ática. ed. 11. p. 42.
- **SAMPAIO**, Rosa Maria Whitaker Ferreira. Freinet: evolução histórica e atualidades. São Paulo: Scipione, 1989.
- **SENGE**, Peter. A quinta disciplina. São Paulo. Best Seller, 2004.
- **Sócrates**. O Homem e a Filosofia. Século X aC.

[1] Meu comentário.

[2] Sócrates. O Homem e a Filosofia. Século X aC.

[3] Doutora em Educação pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH, da Universidade de São Paulo - USP; Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas - Unicamp.

[4] FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia Saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra. ed. 27. p. 80.

[5] CHIAVENATO, Idalberto. Gestão de Pessoas: O Novo Papel dos Recursos Humanos nas Organizações. p. 290. Rio de Janeiro. Campus, 1999.

[6] FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra. ed. 27. p. 35.

[7] GANDIN, Danilo. **A Prática do Planejamento Participativo.** Petrópolis, RJ. Vozes. ed. 11. p. 22.

[1] Ensinador, Historiador, Geógrafo e Chef de Cozinha, Especialista em Pedagogia Empresarial, Pesquisador Independente, preparando-se na UFS para o Mestrado em Geografia Humana e o Doutorado em Educação. E-mail: evandrofoury@hotmail.com

Recebido em: 18/07/2016

Aprovado em: 18/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: